

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FFLCH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DG

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL

A GEOGRAFIA DA BRANQUITUDE

Geiselly Vasques da Silva

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Donizeti Giroto

Co-orientador: Antônio Carlos Malachias

São Paulo - SP

2021

SINOPSE

Em uma viagem de campo, da disciplina Geografia Regional Sul no ano de 2018, em uma discussão que ocorreu em frente a uma monumento da cidade de Francisco Beltrão - Paraná, nasce a ideia do tema deste documentário.

Em seguida embarcamos em uma viagem que nos traz de volta a cidade de São Paulo, mas especificamente no Monumento às Bandeiras, localizado na Zona Sul da capital paulista, ao lado do Parque Ibirapuera. Nesta parada vemos a história dessa obra e alguns símbolos que esta carrega desde a sua concepção.

Aqui é feita uma crítica aos símbolos, sobre à luz do conceito de Branquitude, e é colocado as problemáticas do branco quando colocado como a norma não se racializando, mostrando como isso aparece no discurso dos personagens que tomam frente da concepção e construção do Monumento às Bandeiras.


OBJETIVO

Analisar e discutir os símbolos, geográficos e históricos, sob a ótica do conceito de branquitude presentes na concepção da obra de arte Monumento às Bandeiras, localizada na cidade de São Paulo.

PALAVRAS CHAVE

Branquitude, Paisagem, Geografia Cultura, Monumento.

LINK DO DOCUMENTÁRIO

 A Geografia da Branquitude

https://youtu.be/72Ls_O3u7Nk

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SANTOS, M. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2012.

MONDARDO, M. L. A dinâmica migratória do Paraná: o caso da região sudoeste ao longo do século XX. In: Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Rio de Janeiro, v. 28, n. 1. Jan. / Jun. 2011.

ZATTA, R. VANINI, I. A. Sudoeste do Paraná e a presença militar na fronteira: aspectos de uma “comunidade imaginada”. Vozes, Pretérito & Devir. Ano III, Vol. V, No I (2016).

BONTEMPI JR., Bruno; CAMPOS, Raquel Discini de (Org.). Paulistanidade e Educação: práticas e simbologias. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018. 333p.

MOURA, Irene Barbosa de. O MONUMENTO E A CIDADE. A OBRA DE BRECHERET NA DINÂMICA URBANA. Cordis. História, Arte e Cidades, n. 6, jan./jun. pp. 77-93, 2011.

MARINS, Paulo César Garcez. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 6/7. p. 9-36 (1998-1999). Editado em 2003.

Valverde, R. (2018). O sentido político do Monumento às Bandeiras, São Paulo: condições e oportunidades para a multiplicação de narrativas a partir da transformação do espaço público. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 1 (2), 29-40. DOI: <https://10.26512/patryter.v1i2.10117>.

MULLER, Tânica. CARDOSO, Lourenço. BRANQUITUDE: Estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed.- Curitiba: Appris 2017. 355 p.

PINHEIRO. Adevanir Aparecida. O Espelho quebrado da branquitude: Aspectos de um debate intelectual, acadêmico e militante. Editora Casa Leiria 2020. 123 p.

SCHUCMAN. Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana / Lia Vainer Schucman; orientadora Leny Sato. -- São Paulo, 2012.

SCHUCMAN, L. V. (2014). Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana.

BENTO, M. A. S. (2002). Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOVIK, L. (2004). Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil. In V. Ware (Org.), *Branquitude, identidade branca e multiculturalismo* (V. Ribeiro, trad., pp. 363-386.). Rio de Janeiro: Garamond.

IMAGENS

Monumento com marcas de tinta vermelha, simbolizando sangue. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/album/mobile/2013/10/03/monumento-das-bandeiras-e-picado-e-sujo-por-tintas.htm>. Acesso em: 08 fev. 2021

Pixo na frente do monumento. Disponível em: <https://spcity.com.br/wp-content/uploads/2016/10/monymonto-assassino.jpg>. Acesso em: 08 fev. 2021

Pixo na lateral do monumento às bandeiras. Disponível em: <https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000635448/filho-de-escultor-de-obra-lamenta-pichacao.html>. Acesso em: 08 de fev. 2021

ANEXO

ROTEIRO ESCRITO DO VÍDEO.

TELA INICIAL COM NOME - A GEOGRAFIA DA BRANQUITUDE

TELA SEGUINTE - O CASO DO MONUMENTO ÀS BANDEIRAS

=====

PRIMEIRA CENA - ÁUDIO COM EFEITO DE MICROFONE

Seja bem vindos a bordo do TGI 090705, meu nome é Geisielly Vasques , sou comissária desta viagem, juntamente com a Geografia Física e a Geografia Humana, fazemos parte da equipe do curso de Geografia da Universidade de São Paulo. Pedimos que afivalem seus cintos de segurança. E desejamos a todos uma boa viagem!

=====

PARTE I - NARRAÇÃO

Chegamos na nossa primeira parada, a cidade de Francisco Beltrão, que fica localizada a sudoeste do Estado do Paraná. E você deve estar se perguntando, mas porque estamos aqui, nesta região?

Porque em maio de 2018, na disciplina de Geografia Regional Sul viajamos para cá e ficamos hospedados nesta cidade. Fizemos uma parada em frente a um monumento em homenagem aos colonos, e ali foi levantada uma discussão sobre

as formas que a história dos colonizadores é contada no nosso país, e que uma dessas formas seria através desses monumentos de grande porte, que são facilmente notados por quem passa por eles. Dentro ainda desta discussão surgiu uma hipótese, a de que esses monumentos existiam como uma tentativa de construir no imaginário da população local, o mito de que o colonizador é um herói, e não deixar esquecido quem são os vencedores da colonização brasileira.

Agora voltando para a região, ela foi palco no ano de 1957 de um conflito agrário armado que ficou conhecido como “A Revolta dos Posseiros”, que disputava a posse de terras e envolveu: colonos, companhias colonizadoras e o poder público. O governo federal incentivou os gaúchos e catarinenses descendentes de italianos e alemães, a povoar aquela região, esse incentivo fazia parte do projeto de colonização do local. Pois é importante destacar que antes de 1957 já habitavam aquela região, povos indígenas e comunidades quilombolas, que exploravam erva-mate, madeira e criavam suínos. Mas a história acaba por escolher omitir a existência desses povos na região, e conseqüentemente a resistência dos mesmo frente a essa ocupação dos posseiros no seus territórios. Praticando, o epistemicídio dessas populações.

Mas, o que é epistemicídio?

O filósofo Renato Nogueira define epistemicídio como “A colonização, o assassinato a recusa e apagamento da produção de conhecimento de determinados povos, no caso do Brasil, do negro e indígena.”

Esse epistemicídio faz parte do projeto político de branqueamento da população brasileira, que segundo a historiadora Lilia Moritz, se iniciou a partir de 1870, através da discussão de modernização do Brasil, onde o homem branco era exaltado, e a miscigenação era tratada como a degeneração da raça branca. Portanto a solução para o Brasil, era a migração em massa de indivíduos brancos, já que a população brasileira era majoritariamente indígena e negra. O governo então subsidia a vinda de milhares de italianos, espanhóis, portugueses e alemães, e coloca a superioridade de raça branca como uma política pública.

Pensando nisso, voltamos para o sudoeste do Paraná, essa região em meados de 1957 é retratada pelo governo, como um vazio demográfico, logo se o território estava vazio, então existe uma necessidade de ocupar essas terras, para produzir nelas, e o lucro dessa produção desenvolver a região. Mas como essa

região não estava vazia, os colonos invadem e conflituam com os povos que já tinham posse e produziam naquelas terras.

Esse conflito armado entre Colonos e a população local, contou com o apoio do exército do governo Vargas, esse apoio deu aos colonos uma força bélica desproporcional comparada à da população do local, culminando assim na colonização dessa região e na posse e regularização das terras invadidas por eles. Apesar do genocídio, a população indígena e quilombola ainda resistem nesse território e segue sendo apagada da história do Paraná.

E eu narrei essa história para vocês, pois foi aqui, em Francisco Beltrão que nasceu a ideia desse tgi-documentário.

ÁUDIO COM EFEITO DE MICROFONE

Senhores passageiros, pedimos para que afivelem seus cintos, pois estamos partindo para a nossa segunda parada.

=====

PARTE II - NARRAÇÃO

E chegamos no nosso segundo destino, a cidade de São Paulo, (escrito -> a terra da garoa, a cidade que nunca para), e aqui nossa parada vai ser no Monumento às Bandeiras.

CENA MOSTRANDO ATRAVÉS DO MAPA A LOCALIZAÇÃO

Que fica localizado na Zona sul da cidade, mais precisamente no bairro Vila Mariana, o monumento fica ao lado do Parque Ibirapuera, local bastante conhecido pela população da cidade, por ser palco de uma diversa agenda cultural, além de ser um ponto de lazer. O parque conta com alguns importantes museus da cidade, o Museu Afro Brasil e o Museu de Arte Moderna. O monumento não está localizado dentro do parque, porém está em uma das principais entradas dele, dando-o grande visibilidade.

PAUSA - CENA COM FUNDO PRETO ESCRITO “ A HISTÓRIA”

O monumento foi criado pelo reconhecido artista modernista Victor Brecheret, inicialmente foi projetado para fazer parte das comemorações do Centenário da Independência brasileira, em 1922. Porém a obra só foi inaugurada no IV Centenário da Capital paulista, em 1954.

Naquela época, São Paulo estava passando por um processo de desenvolvimento econômico e conseqüentemente diversas transformações urbanas. Na escala nacional o Brasil estava vivendo o Estado Novo de Getúlio Vargas, e durante esse regime, as manifestações que iam em direção a construção de heróis regionais estavam sendo desestimuladas, pois era necessário a construção de unidade da nação, logo seria mais interessante pensar heróis nacionais, esse desestímulo foi um dos motivos da demora no processo da construção da obra.

MONTAR NA IMAGEM AS MEDIDAS DO MONUMENTO

Temos uma obra difícil de não ser notada, com seus 50 metros de comprimento, 15 metros de largura e 6 metros de altura, o monumento se configura como um dos maiores da América do Sul. O monumento pode ser visto de diversos ângulos, pois ao redor não há grandes edifícios, coisa rara na região central da cidade. Além disso, o local foi escolhido por conter alguns significados simbólicos. Ali se encontram avenidas que remetem a história do Estado e do Brasil, ele está localizado na Avenida Pedro Álvares Cabral e “marcha” rumo à Avenida Brasil.

Essa obra de arte conta com 37 figuras de forte porte, transmitindo ao observador uma ideia de virilidade e força. Elas vislumbram o horizonte, em direção ao Norte, aos “sertões”. Materializando um discurso recorrente sobre o empreendedorismo dos paulistas, que desbravaram o interior do então Brasil. Porém poucos sabem que essa escultura está impregnada de diversas ideologias da elite branca intelectual e política desse país.

COMEÇA A ANÁLISE GEOGRÁFICA

Nesta etapa vou beber das águas da Geografia cultural de Max Sorre e Carl Sauer, que trazem para a nossa ciência a discussão sobre as relações entre espaço

e cultura, o central de suas propostas é entender a paisagem como um documento histórico e cultural, abrindo assim a possibilidade de compreender a cultura de um determinado povo através da leitura dos vários elementos que compõem aquela paisagem construída por ele ao longo do tempo. Importante ressaltar que esta abordagem não nega a concepção tradicional da paisagem como o registro histórico e antropológico.

Partindo do conceito de ideologias geográficas, vamos neste trabalho abordar um dado elemento da paisagem, o Monumento às Bandeiras, ele será o objeto de investigação. Vamos partir do pressuposto de que ideologias podem se converter em formas materiais que são capazes de simbolizar e difundir as mesmas.

CONCEPÇÃO DO MONUMENTO E SEUS SÍMBOLOS

Dentre os intelectuais brasileiros que compunham a comissão que ficou incumbida de executar a obra, destaco Cassiano Ricardo, ele foi o que mais dispendeu esforços para a conclusão dela, entrando em contato em 1936 com o então governador do Estado Armando Salles, despertando no mesmo o interesse em estudar a maquete, que estava parada desde 1922. O governador tira a maquete do papel e inicia sua obra. Cassiano se debruçou para a construção da obra por acreditar na importância do bandeirantismo na história brasileira. Atribuindo ao movimento a atual conformação das fronteiras do nosso país, em suas palavras “o perfil verde-geográfico” do Brasil (LEITTE).

Segundo ele, as bandeiras constituíam um “Estado em miniatura”, pois à medida que as expedições iam se isolando território adentro, elas se afastavam das autoridades portuguesas, conferindo assim ao líder um papel de chefe militar. A interpretação de Cassiano do movimento dos bandeirantes passa longe da crítica ao modelo autoritário praticado em seu cerne, muito pelo contrário, Cassiano afirma que dentro das bandeiras encontra-se os elementos que compõem o “caráter nacional”, que segundo ele são: a bondade inerente ao nosso povo, uma certa propensão natural da população a se submeter a uma autoridade centralizadora, a ausência de preconceito racial, a necessidade de um Estado forte, a ausência da luta de classes e etc.

A questão racial dentro das bandeiras, na visão de Cassiano, é justificável pois o escravismo era uma instituição na época praticada até pelos jesuítas (que

escravizavam a população negra), segundo seus comentários acerca do apresamento e escravização da população indígena, praticado pelos bandeirantes, em alguns momentos ele se utiliza do argumento de que os fins justificavam os meios, colocando a brutalidade dos bandeirantes como necessária para a formação do Brasil e da suas proporções gigantescas.

Ele argumenta que se não fosse pela “psicologia” própria de cada raça e as funções diferentes por elas assumidas, o movimento não teria ocorrido. E diz:

“Enquanto direção, chefia, comando, rumo a seguir, predomina o branco, ou mameluco; enquanto movimento, ímpeto para as travessias continentais, sertão adentro, o índio (nômade), é que predomina (sem índio não haveria bandeira); enquanto pouso nos caminhos, plantações para alimentar os desbravadores, mineração, roças em torno dos descobertos auríferos, o elemento indispensável é o africano (sedentário).”

Ricardo assume aqui uma postura e um discurso extremamente racista, baseado na biologização das raças, hierarquizando-as dentro dos "supostos papéis biológicos de cada", ressaltando o homem branco sempre como o ser pensante, o que lidera, cria estratégia e governa o movimento, e segundo DEIVISON:

O colonizado - o Servo (HEGEL, 1999) - participa do processo de produção e reprodução da vida apenas por intermédio de seus músculos, ou seja, de sua força de trabalho. Não é esperado que o colonizado pense, sinta ou produza significado relevante sobre si e o mundo, mas caso e/ou quando o fizer, esse saber será rapidamente apropriado pelo colonizador de forma a garantir as mistificações coloniais. (DEIVISON, 2017)

Porém Cassiano Ricardo exalta a mestiçagem, representada na figura do mameluco, criando aqui um imaginário diferente daquele da nossa primeira parada, dos posseiros, exaltando a miscigenação como algo natural e positivo na formação do Brasil, omitindo as diversas violências sexuais que os bandeirantes praticavam com as mulheres indígenas e negras.

Todas esses argumentos estão simbolizadas na obra do monumento às bandeiras, como podemos ver nesta mensagem de Armando Salles, o governador que deu início a construção da obra:

*“Dois bandeirantes, os chefes, vão na frente, a cavalo; é o princípio da autoridade, o mais forte esteio da civilização que o comunismo tenta destruir. As figuras decrescem em tamanho; é a hierarquia inseparável da disciplina, e um dos mais belos princípios da organização social porque permite ao que está posto mais baixo ascender por si mesmo à posição mais alta. Na frente do grupo, a figura de mulher que representa a Terra Virgem, em cuja conquista os bandeirantes partem, mostra que eles sabem o que querem e para onde vão; é o pensamento dominando a ação .
E como de tudo isto - de autoridade; de disciplina, de hierarquia, de solidariedade, de ação inteligente e construtora, de um largo e generoso idealismo - de tudo isto é que o Brasil precisa, propõe-se que esse Monumento seja levantado numa praça de São Paulo atestando o desejo dos paulistas de renovar os princípios e os feitos que constituem os fundamentos da nacionalidade” (1970b: 98).*

MINHA ANÁLISE À LUZ DO CONCEITO DE BRANQUITUDE

Bom, agora que sabemos o porquê de estarmos aqui, como essa obra nasceu, por quem ela foi feita e de termos analisado os símbolos que estão por detrás da mesma, te convido a refletir comigo sobre o que vou chamar de: “A geografia da branquitude”.

Para isso vamos descobrir o que é branquitude?

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. (SCHUCMAN, 2014)

Artigos, trabalhos de conclusão de curso, teses de mestrado, teses de doutorado, não faltam quando o assunto é o negro brasileiro. Porém muito raramente nos perguntamos sobre quem é o branco brasileiro? e o que é ser branco

no nosso país, ai faltam artigos, TCC's, teses de mestrado, de doutorado, pois compreender a experiência e a construção do sujeito branco é racializa-lo.

E pra você, o que é ser branco?

Para Sovik:

ser branco exige pele clara, feições europeias, cabelo liso; ser branco no Brasil é uma função social e implica desempenhar um papel que carrega em si uma certa autoridade ou respeito automático, permitindo trânsito, eliminando barreiras. (Sovik, 2004, p. 366)

Definido isso quero que você vasculhe pela sua memória quais foram os grandes monumentos que você esbarrou pela geografia da sua vida, na sua cidade quem são os homenageados? Fazendo esse exercício certamente você vai se deparar com um ponto em comum de todos eles, o fato de serem, em sua maioria esmagadora, pessoas brancas. E você pode até pensar que isso seria uma grande coincidência, mas não é. Para Deivison:

O problema colonial está na tendência (colonial) do ocidente capitalista em impor as suas particularidades espaço-temporais como expressões universais do gênero humano. Se o branco é a expressão (universal do humano), quem não for branco não é tão humano assim... isso se alguma humanidade chegar mesmo a ter.
(DEIVISON, 2017)

Dentro do projeto político de construção do Brasil enquanto nação, as pessoas brancas vêm ocupando o lugar do ser universal, se colocando como a norma. As ditas normas, ou as coisas normais, não são questionadas, elas são aceitas, e desvelar a branquitude, ou seja estudar o branco como um ser racializado, é expor seus privilégios, tanto os simbólicos, como os materiais que é obtido por eles dentro da estrutura racista.

A geografia da branquitude funciona tal qual sua superestrutura, no papel de norma, com as obras de arte colocadas nos espaços, onde muitas vezes ganham o título de ponto turístico, sendo visitado, fotografado. Esse é o caso do monumento às bandeiras, que se tornou um ponto turístico da cidade de São Paulo, nele as

pessoas passam e tiram fotos, praticam exercícios, marcam como ponto de encontro, vivenciam aquela obra de diversas formas e na maioria das vezes atrelado a momentos felizes.

A superestrutura denominada branquitude exalta, sem receio nenhum, sendo um pouco mais precisa com 20 metros de comprimento e 6 metros de altura, como um dos seus heróis, os assassinos responsáveis pelo apagamento de boa parte da história dos povos originários desse país. E localiza esta obra na Avenida Pedro Álvares Cabral, outro personagem bastante marcante de nossa história por praticar os mesmos crimes.

Os grandes homenageados escolhidos pela branquitude, pelas cidades do nosso país, quando analisadas suas histórias e seus “ditos” feitos, formam a maior galeria de racistas a céu aberto do mundo, utilizando a arte da pior forma possível: para homenagear os genocidas brasileiros.